

aa-133

11-15

# S E R M A M

DA QVINTA DOMINGA

9

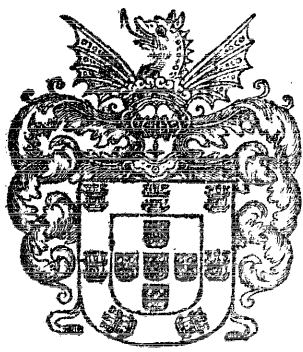
# DA Q V A R E S M A

QUE PREGOU NA CAPELLA REAL

O R. P. M. FR. CHRISTOVAM DE FOYOS

da Ordem de Santo Agostinho, Consultor do Santo Officio,

Examinador das Ordens Militares.



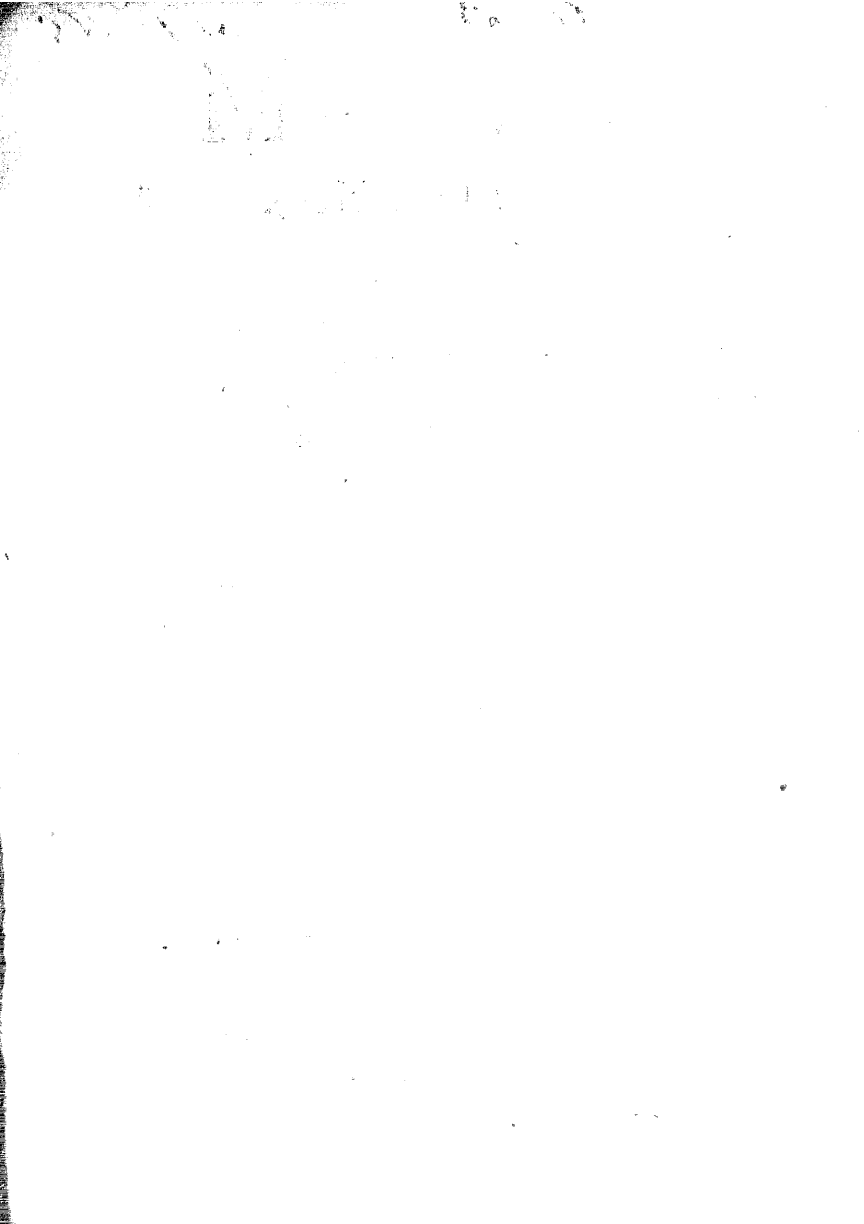
L I S B O A.

Com as licenças necessarias.

Por Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de

SUA ALTEZA, & Casa Real

Anno. 1674.



## THEMA.

*Seruitatem dico vobis, quare non creditis mihi? Joann. 8.*

## S. I.

**S**E vos digo a verdade, porque me não credes? Diz hoje Christo Jesus verdadeyro Prégador das verdades, queyxádo-se magoadamente da dureza, & rebeldia Judaica; & reprimendo, ou tambem queyxando-se (talvez que com mayor magoa) da pouca fé que lhe guardamos os seus fieys. *Muyto Altos, & muyto Poderosos Principes Senhores nossos.* Demaneyra que temos no Evangelho, & no nosso Thema, huma repreñam queyxosa, dada pelo Filho de Deos antigamente ao seu ingrato povo, & repetida hoje contra nós os que nos chamamos seus fieys, nam sey se igualmente, ou se mays ainda ingratos. Assim expuseram as palavras do presente texto, ou assim nolas accõmodaram grandes Padres: Origenes, Santo Agostinho, S. Gregorio, & outros muytos. Esta repreñam prys, ou esta queyxa, no sentido, ou na parte que nos toca, ha de ser a matéria do Sermam. Do qual quísera eu nos ficasse hoje por finyto, nam digo o emendarmonos (que nam costume desejar o que sey que não hey de conseguir) más ao menos o cõvencermonos. Tãõ poucas são as esperanças que dam de melhoramento os habitos humanos depravado, que pôde hum Prégador, ainda dos de grande, & diferente espirito, dar-se por muyto satisfeyto, se convencer os entendimentos; posto que não emende nada as vontades. Nam pretendo Christãos emendar hoje, não pretendo dobrar vossas vontades. Nam me vem ao pensamento, nem por imaginaçam, que hajam de poder as minhas palavras, divertir vos de vossos divertimentos. O que tantos Sermoes mays eloquentes, o que tantos Prégadores de mayor exemplo não fazem, como poderia eu promettermo? O que inteneo unicamente, & o que só hey de tratar de conseguir, he que acabade render-se hoje o nosso entendimento, às verdades de Jesu Christo; & venhamos a entender quanto por nossa culpa, & quanto sem nenhuma razam nos obstinamos, & enfurdecemos em nossos mundanos gostos, em nossos desordenados intentos. O Domingo das Verdades he chamado por Antonomastia este Domingo. Verdadeiramente que quando não fora obrigacãm a essa prégaryos sempre verdades, que até o riuulo do dia condẽnaria hoje o calalaz. (Eu as não hey de calar; permita Deus que se syba dizer. Mas porque o nosso Thema se dirige mais a coavencer a rebeldia, q

*Origen. in  
Ioan. tom.  
25. Aug.  
in eundem  
trañ. 42.  
Gregor.  
hom. 88.*

a provar a verdade; suppondo como infallivel a verdade do Pregador, *Si veritatem dico*. & inquirendo o porque da inflexibilidade dos ouvintes, *Quare non creditis mihi?* faremos por ajustar a este intento o Sermam. Suppondo para isto muitas verdades, que nesta Quaresma tendes ouvido aos Pregadores, may: qua bem provadas; & inquirendo especialmente agora os porques, & as razoes de vossa obstinaçam. Donde nascerà, que supposto a Dominga tem o titulo *das Verdades*, daremos ao Sermam outro titulo; sem que por isso se encontrem. Será o *Sermão dos Porques*. E fique advertido daqui o auditorio em tres couzas. A primeyra, que hey de emendar hoje a dilaçam que aqui fiz os dias atraz, porq̃ não hey de exceder da minha hora. Mas mais-fam-ma com consciencia. A segunda, que não he hoje dia de sutilezas, senam de verdades. A terceira, que nam esperem verdades politicas, senam só verdades Catholicas. Para as politicas bast-lhe todo esse Palacio: estes quatro palmos de Pulpito fizeram-se para estourar verdades. Deos, que aqui nos ajuntou hoje, a tratar & ouvir sua doutrina, nos illustre os entendimentos, & nos disponha os coraçoes com a sua graça. Roguemos-lho assim, mediante a intercessam da Virgem Santissima. AVE MARIA.

*Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

§. 2.

**Q**UE sempre Christo nos diga. & nos ensine verdades. & que o mundo nos engane, & nos diga sempre mentiras; nam he nada de admirar. Isto he ser mundo, ou ser Christo. Mas que sendo isto assim, & conhecendo-o nós por tantas experiencias, ainda creamos ao mundo, & não creamos a Christo! Grande razam de que yxa sua, grande força de queyxa nossa. E que isto assim sej, que grãee em nós m̃ yor credito o mundo com suas mentiras, que Christo com as suas verdades; o nosso th-mo o suppoem, mas eu o provarey. Porque dado que a nossa rē, ou a nossa presunçam o intende contradizer; que temos que responder a nossas obras? E se (como Sane-Iago enfina) em não havendo obras bem, não ha fe viva, *Facti sine operibus mortui est;* & ei a nós o obrar mal he tam continuo; bem se segue (& ainda mal) a justificada razão, cō q̃ hoje se queyxa de nós nosso Deos, applicando nos por bocca de sua Igreja, o que lá em outro tempo ao povo infiel: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Senhor, & não vos cre que ñ vos c̃nfeissã Nam: que quem obra mal, não ere bem.

*1.º João*

*3.º.*

*Cath. c. 2.*

*2.º. 26.*

Quiz o Demonio que Heva peccalle; & para o conseguir, tratou de lhe metter

metter na cabeça, que Deos a tinha enganado na prohibiçam do pomo.  
*Quisquam morietur: scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo, aper-*  
*tentur oculi vestri: & eritis sicut Dij.* Heva (diz o Demonio) sabey que Deos en- *Genes. 3.*  
ganou vos. Prohibiu-vos o pomo, para vos impedir a Divinidade. E a que *3. vers. 4.*  
fim, ou para que se empenha tanto o Demonio em persuadir a Heva que  
Deos a tem enganado, se o seu intento todo se yem sò a resolver em que  
Heva coma do pomo? Porque para Heva comer do pomo, havia de crer  
primeyro que Deos a tinha enganado. Como o comer aqui era peccar, en-  
tendeu certissimamente o Demonio, que se em Heva não falt. A se, não  
se havia de deliberar em comer. Verdadeyramente Christãos, que devemos  
de persuadirnos que Deos que nos traz enganados. Devemos de divi-  
dar se ha Juizo, devemos de presumir que não ha Ceo, devemos de imagi-  
nar que não ha Inferno: finalmente devemos de crer que não ha outra vi-  
da may's que esta, que não ha premio, que não ha castigo, que não ha ba-  
lança; & nem sey se cremos que ha morte. Segundo o que obramos, isto de-  
ve ser o que cremos. Ao mesmo passo que Heva foy dando ouvidos à ten-  
taçam do Demonio, foy faltando na fé de Deos. *Ve fructu rei: ò ligni (cizia*  
*ella) quod est in medio par adisi, præcipit nobis Deus nã comederemus, nã seret moria-*  
*mur.* Do fruyto da arvore, que esta no meyo do paraíso (oiz Heva) man-  
dounos Deos que não comessemos; porque talvez, se o comermos, que  
morramos. *Nã fortè moriamur.* Ha tal dizer! Se Deos havia ointo, que tanto q̃  
comesse daquelle fruyto, havia logo logo de morrer, *in quocumque die com-*  
*eda, morte morietur:* como poem Heva em questam o haver de morrer, se  
comesse? Afirm. Deos que ha de morrer, comendo, *Morietur;* & Heva diz,  
que poderá sei! *Nã fortè!* Mas quem affirm havia de ser temeraria, affirm havia  
de ser infiel. David ou primeyro na fé, para saltar deoys ao preceyto; que  
não ha de fozear preceyros, tem haver tibeazar na fé.

*Genes. 3.*  
*3. vers. 4.*  
*Ibid. vers.*  
*3.*

isto affirm supposto, & confirmado, nam negareys ja, nam podereys ne-  
gar a justificada razam, com que Christo noſto ſalvador ſabe a qu yxarfe  
noys a vozes de ſua Igreja, nam só de noſſos coſtumes, & ſuas offenſas: puz  
muyto principalmente de noſſa, ou tibia, ou perdida ſeuſando para com-  
noſco daquellas meſmas palavras, de que uſou ja algum hora contra a  
perfidia Judaica. *Si veritatem dico vobis (exclama poys a Igreja Catholica, em*  
*nome de Christo Jeyv.) Si veritatem dico quare non creditis mihi?* Se vos digo  
verdade, ſe vos enſino o caminho da ſalvaçam; & ſe ſõra diſto que vos  
mãno, tudo may's he huma nera mintira, & hum continuo engano; *Quare*  
*non creditis mihi?* Porque me nã credes a mim? Porque continuays em voſ-  
ros enganos? Porque vos deyxays levar de mintiras? Porque não abris os  
oídos? Porque nam confidareys voſſos perigos? Porque vos não arrepen-  
deys?

deys? Porque vos não emendays? Porque não credes? *Quere?* A esta pergunta, ou a esta tam arrezoada queyxa de nosso Deos, folgára eu que algum de vós quizesse hoje responder por mim: ou ao menos, que fôss'yis tido para casa, & que vos puléss'yis a cuidar na reposta. Mas como esta casta de conceytos nam seja couza, que se costume levar para casa, & nem algum de vós me haja aqui de responder; ficame sendo preciso dar satisfação a pergunta: posto que a nam darey nunca á queyxa.

Primeyramente a multidam de culpas, em que cada dia, & cada hora cahimos com tanta facilidade, & que, como vos tenho mostrado, argue em nós tam pouca fé; pôde proceder de hum, ou de muytos principios. E reduzindo a hum numero certo & principal todos os que se me representam pôssiveys; acho em boa Theologia, que poderá ser hum de tres. A saber, Ou malicia da nossa vontade: ou ignorancia do nosso entendimento: ou deseparo de Deos. He a nossa vida, em quanto neste desterro, humo precario & difficulosa jornada, hum caminho escuro & succelivo, que vamos fazendo todos, ou que todos devemos fazer, deste mundo debayxo paraquelle mundo decima. Para que senão erre, ou para que senão impede este caminho, he necessario Deos que alumie; he necessario entendimento, que governe; he necessario vontade, que caminhe. Se Deos não alumia, perde-se a jornada por falta de luz: se o entendimento não governa, perde-se a jornada por falta de guia: se a vontade não caminha, ou se caminha as aveilhas, perde-se a jornada por falta dos pillos. De modo que de qualquer destas tres partes, ou da parte de Deos, ou da parte do entendimento, ou da parte da vontade, se nos pôde occasionar a perdiçam. Isto não conhecido & supposto, vamos com o nosso thema por todas estas tres partes, que nes se dividirá o Sermam, buscando, & inquirendo a verdade: e causa de nossos erros: por ver (quando mays não seja) se podemos achar reposta boa, que sirva de satisfação ao *porque* do Evangelho; ou inventar alguma, que nos sirva a nós de desculpa. Porque se nós a temos, que não valha.

## §. 3.

**E** Porque não pareça que favorecemos hoje a causa de Deos: e alguma desigualdade, seja Deos o promeyro convidado, & o primeiro perguntado: & da sua jazam ou sentazam vós mesmos os Juizes. Não pareça novidade, que o soberano & Omnipotente Senhor do Universo entre hoje com suas mesmas criaturas em juizo contendo

hoje ja peto Profeta Isaias se offerreceu & se convidou elle mesmo para  
 ser el hauei juizos; sim de que se averiguasse, & resolvesse, se por culpa sua,  
 ou se se por culpa nossa, acontedia no mundo esta perdica de almas taõ  
 lamentavel, criando-as elle a todas, & assistindolhe com tam grande amor:  
*Nunc ego habitatores Ierusalem, & viri Iuda, iudicate inter me & vineam meam.*  
*Quid est quod debuit ultra facere vinea mea, & non fecerit?* Homens (diz Deos) de vós  
 mesmos faço juizes. Apontayme alguma couza necessar. a em orde a vos.  
 si faltacam, em que eu faltasse. Assim o disse Deos por Isaias entam, & as-  
 sim nolo esta dizendo hoje. E ja que elle nos dá licença para inquirmos  
 de sua razam, & julgarmos de sua justiça, vamolo fazendo assim; & veja-  
 mos se de alguma maneyra esta por parte de Deos, ou procede de culpa  
 sua, esta inflexibilidade nossa, este mays que escandaloso procedimento hu-  
 mano.

*Isaia cap.  
 5. vers. 3.*

E quanto à primeyra vista, parece que nam deyxam de descobrirse in-  
 dicios, de que Deos nos não ajuda nem assiste com aquella graça & auxi-  
 lios, que he obrigado a nos dar. E se isto assim he, como parece, legitima des-  
 culpa teremos naquelle ultimo dia de nossa vida, quando viermos a contas,  
 de grande satisfacãm temos hoje para dar á pergunta do Evangelho. Porq  
 nesta supposicãm, responderemos muy bem: Senhor, nam fizemos caso de  
 vós, nem de vossa doutrina; não demos credito a vossas verdades, nem obe-  
 decemos a vossos preceyros, por que vós nos não alumiastes, & por que vós  
 nos desamparastes. Isto he a razão, posicãm de que Deos nos falta com os  
 auxilios necessarios: E que estes auxilios nos faltem, parece (como ja dizia)  
 que o podemos provar com grandes indicios. Porque se hum homem, de  
 mediano entendimento que seja, se puser a considerar nos desconcertos  
 deste mundo; se levantar hum pouco o pensamento, pondo-se como de  
 lugar mays alto, a medir, & notar de vagar o que neste mundo vay; eu te-  
 nho por couza sem duvida, que se lhe poderá representar muyto facilme-  
 te, que Deos se tem descuydado da disposicãm & governo deste; como ja  
 pela mesma causa se lhe representou a alguns Filosophos. E senam, dizey-  
 me. Por ventura o estado, em qu: hoje vemos a quasi todos os Estados da  
 Christandade, não nos está dando occasiam a presumir, & a recear, que  
 possa proceder de hum desamparo de Deos, & esse grandissimo? Nam vos  
 parece hum grandissimo desamparo de Deos aquelle nenhum temor nem  
 timore, com que vemos hoje ir crescendo (ta he que podem crescer) as mal-  
 dades, os insultos, as abominaçoens, os excessos; o pouco, ou nenhum res-  
 peyto ao divino, o estudo & incrível affecto no profano; os enganos, as  
 traçoens, as perfidias; & mil couzas outras, que eu não posso dizer, nem me  
 convem individuar: isto tudo, & o mays que isto tudo, que todos vemos.

& todos devemos chorar, não vos está lá no juizo causando huua imagem, de que parece q' Deos nosso Senhor ha fechado seus olhos a nossas vidas; como deyxando nos entre as mesmas escuras treyas de nossos peccados, por não ver suas offensas, suas afrontas, & suas injurias?

Diz S. Lucas, que aquelles ministros da maldade, que tinham prezo a Christo em casa do Principe aos Sacerdotes, o começaram a afrontar, & injuriar gravemente de obras, & de palavras. *Illudebant ei cadentes. Diz mais, que lhe taparam os olhos, & lhe foram dando de bofetadas. Et velaverunt eum, & percutiebant faciem ejus.* E porque ha Christo de permittir, quando lhe estam dando bofetadas, quando o estam injuriando & zombando, que lhe tapem os olhos? Ah fiyeys: tudo vê Deos, & nem pôde deyxar de ver tudo. Mas quando as nossas demazias chegam àquelle extremo, & limite, em q' parece que nam só cahimos por fracos, senam que sem pejo nem temor chegamos a zombar do proprio Deos, *illudebant ei;* quando a nossa malicia chega com seus excessos & defacatos a perder todo o respeyto ao rosto de Christo Jesys, & a sua divina presença, *Percutiebant faciem ejus;* corre Deos hum véo a teus olhos, como que senam atreveisse a vernos tam atrevidos, *Et velaverunt eum.* E se o retirar Deos de nós os seus olhos, he huma demónstração evidente de nos haver desemporado; como elle mesmo explica pelo Profeta Iaias *Quum extenderit manus vestras, ego avertam oculos meos a vobis,* vendo nós, & considerando bem o excellentivo de nossas maldades, porque não enrramos em pensamentos de que Deos nos tem desemporado?

*Iaias. 1.*  
*vers. 15.*

Porem desta doutrina, que em algum sentido he certa, ou o pôde ser p' os nossos peccados, parece que se nos origina hum argumento bem forte, em ordem a defender a nossa causa. Porque se Deos nos desempara, ou nos tem desemporado, bem parece que não da nossa parte, senão da sua, e' a causa total da nossa ruina. E vainolo vendo. Pergunto, ou pergunta hoje Christo, Homens, porque peccays? *Quare?* Respondo, Porque Deos nos não assiste com seus auxilios. (Indo na supposiçãem em que vamos.) Porque nam obrays, como devays? *Quare?* Porque Deos nolo não inspira. Porque cahis com tanta repetiçãem, & tal precipicio? *Quare?* Porque Deos nos não tem mam. Porque vos nam levantays depòys de cahidos? *Quare?* Porque Deos nos nam ajuda. Porque andays tam cegos, & tam perdidos? *Quare?* Porque Deos nos não alivia. Porque correys a vossa perdiçãem com tanta pressa? Porque vos obstinays tam infensiveys? *Quare?* Porque Deos nos não sempara. E finalmente o desemparo de Deos he todo o porque dos *pro quibus*, & huma excellente razãem para a nossa descarga; se he que elle he tal, e' o mo nos terá parecido atequi.

Christão, grandissima desgraça fora a nossa, se isto assim fora. Mas nam



sey se he ainda desgraça mayor, que nam sendo nós desemparrados de Deos, o parocamos tanto em nossas obras. E porque he ja tempo de acodir pela verdade, & livrar de toda a calumnia a alta & sempre misericordiosa Providencia de nosso Deos, especialmente para comnosco, examinemos bem este ponto; & perceberemos talvez o que Christo nosso Salvador quer que percebamos hoje: que vem a ser o conhecimento de suas verdades, & o deslangano de nossos enganos. Vejamos para isso o thema.

*si veritatem dico, quare non creditis?* Porque nam credes (diz Christo) se vos digo a verdade? Se vola digo por demonstraçam, expoem o Cardeal Toledo, *si dico veritatem cum ipsius veritatis demonstratione*: ou como S. Cypriano escreveu, *si veritatem palam dico*, Se vos digo a verdade clara. O grande confusim para nós, Catholicos! De maneyra que faz Christo distincam de verdade a verdade: ou de verdade a verdade clara. *Veritatem palam*. E quanto isto seja para ponderar, ide-o vendo. Sépre Deos fala verdade: mas de dous modos: verdade clara, & verdade escura. A os Judeos ingratos falou Deos a verdade clara, porque lhe declarou o seu Testamento & os seus preceytos. Assim também a nós os Christãos. Senam que com excessõ & ventagem de nossa fortuna, nos falou & nos fala Deos com a clareza do meyo dia, que assim chamou o Profeta Isaias ao Testamento Novo. De sorte que os Hebreos, & ao povo Christam com excessõ a elles, falou Deos a verdade clara. Nam assim às outras gentes. Nam assim aos Turcos, nana assim aos Gétios, nam assim a tanto mundo, quanto está vivendo em trevas; & a quem Deos, posto que lhe diga verdades, lhas está dizendo menos claras, ou mayz escuras.

*Telet. Coment. in c. 8. Joani. Cyprian. l. contra Iudeos.*

Diz poyz no presente texto nosso Deos. *si veritatem palam dico, quare non creditis mihi?* Que vem a valer o mesmo, que se dissera. Povo meu, a quem principalmente escolhi, & por quem especialmente desci do Ceo a este mundo. Que os Mouros, que os Tutcos, que os Scitas, os Barbaros, os Gentios, não resolvam a me desprezar; que me nam amem, que me offendam, que viam como quem sam; desgraça he, & cegueyra sua: porem desconfortelha a ao dar das contas, que nam ouviram a verdade clara. Mas vós! Vós, que poyz criados & doutrinaados ao baso da minha Igreja! Vós, a quem tam patientemente entreguey os meus segredos, os meus preceytos, a minha fé, as minhas verdades! *Veritatem palam!* Que nam me valesse tanto, para deyxar de me ver tam offendido! Que nam bastem tantos favores, para vos experimentar menos ingratos! Mas apartemos mayz esta verdade Catholica, para nossa confusam; & vejamos o que Deos era obrigado a nos dar, & o que nos deu.

*Orator in tentibus inquit suis fuit mercedis. Isaias 58: 10.*

O que Deos nosso Senhor era obrigado a nos dar (em todo rigor falado)

do vem a ser o que vos direy. Em primeyro lugar ha Deos nosso Senhor obrigado a dar a todos nós, & a qualquer homem, hum sufficiente conhecimento de que ha Deos, & de que ha ley de Deos. Em segundo lugar, he obrigado tambem a concorrer para todos com sufficientes auxilios & inspirações, para que se quizerem, possam satisfazer a sua ley, & veneralo como a Senhor. Eysaqui oa que Deos está obrigado, & a nada mais. Isto faz ao Turco, ao Mouro, ao Judeu, ao Idolatra, a todos. E a nós? O, quem me nera agora o espirito que me falta! porque se me representa, se o tivera, que vos havia de confundir. Ide porem ouvindo com attenção; & balte a força da verdade, & a graveza da materia, para que fiquem súpridos os defezros do Prégador.

De maneyra que sendo Deos sómente obrigado a nos assistir, & a se nos dar a conhecer da sorte que vos expliquey; podendo (sem nos fazer injustiça) dexarnos lá nacer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaria da Africa, ou da America; podendo (licitamente) dispor que nos criassemos & doutrinassemos entre mil centos de Rabinos, entre feytas venenosas de Herejes bebendo com o leyte & entranhando na alma a affeição a seus erros, difficultosa por esta causa de se vir algum hora a perder; podendo (diggo) ordenar a Soberana providencia, sem nisso nos fazer aggravo ou semrazam, que fosse o nosso nascimento, a nossa criação, & os nossos auxilios, assim como sam os auxilios, a criação, & o nascimento de tantos; sy tal & tam liberalmente abundante para conosco a sua misericordia, q nos poz em Portugal. Em Portugal; onde a Verdade Catholica, & o espelho puro da fé, desde que se conheceu atequi, nam admittiu o menor arguimento. Em Portugal; onde seia pre foy a virtude o mayor timbre do valor, & o melhor brazam da Nobreza. Em Portugal; onde (quando Deos queria) eram tantas as casas de exemplo, como agora as de prazer. Em Portugal; onde com admiração da modestia, mal se achava differença (mas por diverso modo agora) entre o Ecclesiastico & o Secular, entre o religioso & o profano. Em Portugal; donde os Estrangeyros se vavam sempre para suas patrias, nam tantas drogas como hoje, mas melhores exemplos que agora: empenham-se mais os nossos Mayores nas materias da admiração, que nas conveniencias do trato. Em Portugal finalmente; onde alem de tantos documetos passados, que podem ser auxilios efficacissimos para agora, tem os de hoje, ou hoje mais que em nenhum tempo, tantos & tam continuos. Os Mestres, os Doutores, os Prégadores, os Sacerdotes, as claustras, os Divinos officios, as ceremonias, os sacrificios, os Sacramentos; & tudo o mais que pertence assim ao conhecimento & veneração do verdadeyro Deos. Como ao nosso remedio; com tanta felicidade & frequencia, que podem ter

que nos invejar, não digo já os Reynos infieys, mas ainda os may's Cubo-  
licos.

Isto assim considerado & conhecido, como verdade tam patente, vede  
vós agora, & dizey me, se temos ou podemos ter acçã de queyxa. E aca-  
bareys de alcançar a razã tam justificada, com que a infinita paciencia de  
nosso bom Deos, como vencida já de nossas ingraticidões, sahe hoje com  
a nossa obstinaçã a perguntas; pedindo-nos (se nam por esperar de nós e-  
menda, por justificar se a si) a razã, ou a causã que temos, para lhe fugir, &  
desprezalo. *Quare non creditis mihi?* Dayme cã homens a razã, porque vos  
resolveys em deyxarme; ou porque fiays may's do mundo, que de mim,  
*Quid invenerunt patres vestri in me iniquitatis, quia elongaverunt a me:* Que maida  
de, que disfavor, que semrazã achãram em mim os vossos antepassados,  
ou vós outros algum' hora, para assim me ver deyxado? Se vos ensino a ver-  
dade, *si veritatem dico vobis;* se a vós a communiquey tam clara & tam de-  
clarada, *veritatem palam;* se vola tenho provado com tantos sinaes; se vola es-  
tou persuadindo com tantos auxilios; & se faço da minha parte, nam sò o  
aque estou obrigado, mas tanto may's do que devo; porque vos hey de ver  
tam perdidos, & tam perdido o que custastes? *Quare?* Porque? Se achays em  
vossa consciencia, que vos estou a dever alguma couza, recenseemos as cõ-  
tas, *Quid ultra debui facere?* Que couza he esta, que vos devia fazer, & nam  
fiz? Mas ah meu Deos: & quem poderá accusar vosso procedimento justifi-  
simo, ou descobrir o menor defeyto em vossas misericordias? Nosso, Se-  
nhor, he a culpa toda, nossa he a malicia, nossos sã os defeytos, nossas sã  
sõmente as faltas. Assim o cremos: assim o confessamos. E se esta confissão  
he bastante, para se saber de certo a verdadeyra causã de nossos delittos:  
nam nos pergũteys Senhor maes porquês. Porque somos ingratos, & por-  
que somos perversos, eysahi o porque peccamos. Mas porque a queyxa  
hoje de Christo, & o porque do Evangelho mostra estarnos pedindo outra  
may's individual & may's determinada reposta; vamos proseguindo, & but-  
tando-2.

#### §. IV.

**T**emos visto, que não está da parte de Deos a causã de nossos peccados  
por nenhum titulo. Donde consequentemente se segue, q ou na nos-  
sã vontade, ou no nosso entendimento (como ao principio explicãmos) ou  
em ambos juntamente ha de cahir a culpa toda. E quanto ao que se repre-  
senta, parece ser o nosso entendimẽto o culpado principal. Vejamos o the-  
ma. *Si veritatem dico, quare non creditis?* Se vos digo verdade (diz Christo) por-  
que nam credes? De maneira que nos dá em culpa o Senhor a falta em di-

seyto da fè, que pertence ao entendimento; fazendo nos juntamente cargo de nos dizer a verdade, que he objecto do entendimento tambem, & só lhe toca. Donde parece que se póde inferir, que nam da nossa vótade, mas do nosso entendimento se nos origina o danno todo. Assim parece: & ao menos em grande parte, assim he. Porque se hum homem entrara em si, se começara a abrir os olhos, & se tivera ou soubera ter juizo para medir he & ponderar os cotidianos perigos de sua vida, os enredos de sua conciencia, as contingencias da salvaçam, a infallibilidade do castigo: se tivera em tantos annos huma só hora que fosse, de verdadeyro & ethicaz conhecimento de si, & de suas acçoens; he sem duvida, que logo em sua vida se haviam de enxergar as mudanças. Os exemplos sam aqui a melhor prova. E sejam de Principes, que sam os mays efficazes.

Peccou Cahim, Principe morgado do mundo, tirando a vida a seu nam mais moço Abel. Peccou David Principe de Israel, tirando tambem a vida a seu muyto leal vassalo Urias; & com circumstancias, que ateam gravemente o delitto. Nam quero comparar o peccado de hum com o peccado do outro; mas o que he certo, que ambos foram homicidios, ambos gravillimos, & dos mays escandalosos que ha visto o múdo. He poys muyto digno de reparo, & ainda de admiraçam o diversillimo fim destes Principes. David emendado, Cahim obstinado: David penitente, Cahim fugitivo: David perdoado, Cahim amaldiçoado: David santo, Cahim precito: David no Ceo. Cahim no Inferno. Valha-me Deos E donde a David a emenda, donde a obstinaçam a Cahim; Donde a David a ventura, donde a Cahim a mofina? Eu o direy. David cahiu como homem mas soube considerar como homem. Cahim pelo contrario. Cahim cahiu como bruto, & ouve-se depouys como bruto. O cahir ( absolutamente falando ) he dos homens, porque fomos terra: o nam considerar a queda, nem antes nem depouys de dada, he de brutos que nam tem juizo. Vede agora a Cahim em tudo bruto; & vede a David em tudo homem. Cahe David; mas como homem, por huma inconsideraçam casual: *Accidit ut surgeret David, viditque mulierem.* Vede-o porem logo considerando na queda como homem: *Peccatum meum contra me est: semper.* Tenho sempre de fronte de mim o meu peccado ( diz a Psal. David ); sempre o trago diante dos olhos. *Contra me.* E tanto nos olhos o trouxe sempre, que jamays em quanto viveu, se lhe enxugaram os olhos. *Lacrymis meis stratum meum rigabam: Potum meum cum fletu nusebam.* E yliaq. David, como homem, peccador: & eysaqui David peccador, mas como homem racional. Porque se se perturbou, se errou, soy hum acaso; *Accidit* para considerar & remediar esse acaso, achou que era necessario hum tempo; *Contra me est semper.* A queda soy hum repente: as lagrimas, & a consideraçam

nam toda a vida. Pelo contrario Cahim. Cahiu, & nam considerou. Bruto não que fez, mays bruto no que deyxou de fazer; bruto d'antes, & pior que bruto de poys.

Quando Cahim andava na tentaçam, disse-lhe Deos desta forte. *Cur concidit facies tua?* E de poys da execuçam, de poys de tirar a vida a Abel, perguntandolhe Deos por elle, *Ubi est Abel frater tuus?* respondeu Cahim, que nam sabia: *Nescio*. Te-mos aqui em Cahim huma couza que notar, & outra em Deos. Em Deos, o dizer a Cahim, que o rosto lhe tinha cahido, *Concidit facies tua*; modo de falar tam exquisito. Em Cahim, o dizer a Deos, que nam sabia de seu irram. *Nescio*; tendolhe tirado a vida naquella hora. Mas vede aqui a Cahim em tudo bruto; & alcançareys a causa de sua obstinaçam, & das vossas. Tam bruto em seus intentos, antes da execuçam, que aos olhos de Deos nem feçoens tinha ja de homern: *Concidit facies tua*. E tam bruto em sua obstinaçam, de poys de executada a maldade, que elle proprio confessou de si a bruteza: *Nescio*: Estou necio. Ah necio! Mas necio, & como bruto te resolveste; necio, & como bruto executaste; mays que necio, & mays que bruto te obstinaсте: como bruto, & como necio te condemnarã, *Vigilans & por fugus eris*; como bruto, & como fera te julgarã: *Omnis qui viderit me, accidet me*. Perdeu-se Cahim, d' sieys, assim como se perdem sempre os perdidos: por necio: *Nescio*. A nossa ignorancia he a nossa perdiçam.

Mas nam deyxemos ainda a Cahim, poys Deos aiada o nam deyxã. Vc Deos a barbara insolencia de Cahim; & doendolhe altamente, nam tanto a morte do innocente, quanto a desgraça do culpado (que sempre os Cahims sam mays para ser chorados, que os Abeys;) desee do Ceo, por ver se com sua misericordia, ou senam, com sua justiça pôde dar juizo a Cahim; & diz-lhe assim. *Quid fecisti?* Cahim, q̄ fizeste? E poys Senhor, nam sabeys vds muyto bem o que tem feyto Cahim? E como sabe! Poys se Deos sabe, porque pergunta? Pergunta Deos, para que Cahim se lembre, para que conheça & considere Cahim. Com seu pay delle havia Deos usado o mesmo: *Ubi es Adam?* Onde estás Adam? Parecem perguntas, & sam advertencias. Adam entendeu a advertencia, & reduziu-se. Remediou advertido o que tinha estado ignorante. Cahim nem advertido advertiu, nem amoeftado abriu os olhos: ignorante peccando, ignorante de poys de peccar; ignorante d'antes, ignorante de poys, ignorante sem pre: & lá vay.

Daqui se colhem duas verdades, ambas certas, ambas infalliveys. A primeira he, que quem tem a alma de Cahim, pecca, & nam cuyda nisso. A segunda he, que se cuydãra, nam se perdẽra. O, & quam certo isto he! Sabeys Christãos, porq̄ peccamos tam continuadamente, & com tanto desatino? Por que nam cuydamos. Sabeys porque de poys de cahidos nos nam

ergue mos? Sabey s porque vamos andando com tanto socego & paz d'alma direy tos ao precipicio ultimo? Porque nam cuydamos. O descuydos, & ó cuydados! E vendo hoje nosso Deos, que de nossas inconsideraçoes nascem os nossos defatinos; vendo que de nam abriremos os olhos para pesar suas offensas, procedem as tuas offensas: & vendo ultimamente, que para nos podermos remediar & salvar, nos deu juizo bastante, nos deu ditames, nos deu razam, nos deu conhecimento, nos deu fé, nos deu precey tos, nos deu caminho, nos deu luz, & nos deu o sangue; Que may s quereys? nos diz hoje. *Quare non creditis mihi?* Que razam tendes homens, para me dey xar?

## §. V.

**D**O que está ditto se inferre, ou parece inferirse, que o nosso entendimento he o unico culpado em nossas desordens: & consequentemete, que temos achado reposta ao *porque* do Evangelho. Peccamos, porque nam sabemos; ou porque nam sabemos saber. Mas nam he ainda isto. Nam peccamos Christãos, por nam sabermos saber; peccamos, porque nam queremos saber. Isto he. A nossa vótade he a causa, ou a causadora da perdiçam; & de quem principalmente se queyxa hoje, & vivirá queyxo lo sempre nosso Deos. Do nosso mesmo thema se colhe. Porque aquelle *Non creditis* val o mesmo q̄ *Non vultis credere*, Nam quereys crer. E assim o verteu Santo Isidor. E he o sentido proprio & expresso: porque cõtra as vontades dos Judeos, & nellas contra as de todos os homens (como diz Origenes) arguia & argumentava hoje Christo. Mostra-se isto com evidencia no mesmo capitulo oytavo de S. Joam, que he o nosso Evangelho: onde o Senhor diz assim. *Quare loquelam meam non cognoscitis?* Porque nam conheceys as minhas palavras? E acresceta logo, como mostrádo a causa do desconhecimento & ignorancia dos Judeos: *vos ex patre Diabolo estis & desideria patris vestri vultis facere.* Vós seys filhos do Diabo, & quereys só o q̄ elle quer. Demancya q̄ ainda o crer, o conhecer, o entender, & as demaes operaçoes, que de tua natureza sam proprias do entendimento, nam as regula, nam as domina tanto o mesmo entendimento, como as domina & regula o senhorio da nossa vontade. Nam vem a ter o nosso entender, & o nosso nam entender, nãys q̄ o nosso querer, ou o nosso nam querer. *Vultis Non vultis. Vultis facere: Nos vultis credere.* Desorte q̄ entendemos o que queremos, & como queremos; & o q̄ nam queremos, nunca o entendemos: nam ha entender sem querer, ou querer, q̄ nam leve logo apoz si o entender. Antes de vos mostrar os meus textos, vamos aos vossos.

Os Cõselhos & os Tribunaes ja sabey s q̄ se instituiram, para que nel-  
jes

*Isidor.*

*Origen.  
tom. 25.  
in Ioan.*

*Ioann. c.  
8. vers.  
43. vers.  
44.*

tes se decretasse o que fosse may acertado, & como tal julgado, ou pela  
 intelligencia dos textos na Relaçam; ou pelo entendimento dos Cõselhey-  
 ros do Ultramarino v.g. ou no de Guerra. Daqui vem, q̄ nam dizemos, nẽ  
 devemos dizer, Foy vontade de tal Desembargador, que se enforcasse o la-  
 dram; ou Foy gosto de tal Cõselheyro, q̄ se trattasse da restauraçam da In-  
 dia (ponho isto por exemplo): senam, Foy voto de tal Desembargador, q̄ o  
 ladram devia ser enforcado; Foy parecer de tal Cõselheyro, q̄ a India se de-  
 via restaurar. Demaneyra ã nam explicaremos bem as determinaçoens dos  
 Cõselhos ou Tribunaes, se lhe dermos nome de arbitrios: porq̄ ali nam o-  
 bra (quero dizer) deve nam obrar a vontade. Explicarnos hemos bem, & as-  
 sim de factõ nos explicamos, dandolhe nome de votos: porq̄ votar he entẽ-  
 der, ou he dizer o q̄ se entende. Ora bẽ. Supponhamonos agora: Cõselhey-  
 ros? He muyto. Nam nos mettamos nisso. Desembargadores: tambẽ nam.  
 Podem-se picar, ou dar-se por picados muy facilmente. Nam. Os Ecclesiã-  
 ticos somos may soffridos: & nam quero q̄ digaes, q̄ me lãso de fõra. Sup-  
 ponhamonos frades, ou elerigos: frades em Capitulo, ou clerigos em Cabi-  
 do. Isto ha couza supposta, seja o Cabido lã de fõra do Reyno. Votemos.  
 Primeyramente, Eu voto no meu parcial. Tã, que... Nam ha q̄ tratar: Vo-  
 to no meu parcial. E vds lã no Cabido onde agora vos constituihi, em quẽ  
 votays? Eu o direy sem q̄ mo digam. V õs votays no vosso parente: aquelle  
 vota no seu. Capellam: este no seu pajem: aquelle no q̄ lhe deu: aquellou-  
 tro no q̄ espera q̄ lhe ha de dar: & sic de ceteris. E temos votado todos. E quẽ  
 he do jurzo? (da consciencia nam trattemos nõs, q̄ distõ nam se trata.) Mas  
 q̄ he o q̄ fez aqui nestas eleycõens o miseravel, o pobre do entendimento  
 desgraçado; q̄ melhor lhe fora nam ter nascido? (como lã disse Christo de  
 Judas, por vèder huma só vez a verdade). Entendeu por vëtura, q̄ estã bem  
 dado aquelle officio, aquella dignidade, aquella Igreja? Entendeu, q̄ estã  
 bem deparadas aquellas ovelhas, & bẽ proporcionado aquelle pastor? Sim:  
 porq̄ ainda q̄ o meu amigo, ou o meu criado nam presta, eu quero q̄ elle q̄  
 tenha: & como quero q̄ tenha, logo me parece q̄ presta. He universalmete  
 certa esta doutrina: entẽdermos o q̄ queremos, ainda q̄ o nam haja no mũ-  
 do: nam entendemos o que nam queremos, ainda que esteja may claro q̄  
 o Sol. Provãmos a primeyra parte com exemplo, provemos agora esta se-  
 gũda com o texto: & seja hũ lugar achado. mas com põderaçam exquisita.  
 Conversavam os Discipulos hũ dia em Galilea (diz S. Martheus); & dis-  
 selhe o Senhor estas palavras. Discipulos meus, o Filho do homẽ ha de ser  
 entregue nas mãos dos homens: & os homens ham de matalo: & elle ha de  
 resurgir ao terçeyro dia. *Conversantibus autem illis in Galilea, dixit illis Iesus: Filius  
 hominis tradendus est in manus hominum; & occidetur eum; & tertia die resurget.* *Matth. 21.*

cracenta logo o Evangelista, q̄ os Discipulos se entristeceram com vehemẽcia. *Contristati sunt vehementer.* E nam diz mats. Vay S. Lucas no capitulo 9. contando o mesmo successo; & diz q̄ nenhum dos Discipulos entendera o q̄ o Senhor lhe dizia, nem por sombras. *At illi ignorabant verbum istud, & erat velatum ante eos, ut non sentirent illud.* Difficulto assim. Nam diz S. Matheus, q̄ todos os Discipulos se entristeceram gravissimamente de ouvir semelhãtes palavras a Christo? Como logo diz S. Lucas, que nenhum delles as entendeu? Ninguẽ sente o que nam conhece; como tãbem nam pôde dexar de conhecer o q̄ sente, poys q̄ o sente. Se poys sentiam tanto os Discipulos, *Contristati sunt vehementer*; como diz o Evangelista, q̄ nam conheciã nada? *Ignorabant verbum istud?* Mas o q̄ o nam entenderam, pela mesma razam que o sentiam. O q̄ nam he do nosso gosto, se chegou de algum modo a entenderse, he como senam se entendera. *Contristati sunt vehementer. Ignorabant verbum istud.* Sabey's por onde isto \* se menea? Por \* aqui.

\* Cabe-  
S<sup>1</sup>  
\* Coraçã

*Adhuc multa habeo vobis dicere... Quum venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem,* disse Christo detpedindo-se de seus Discipulos. Discipulos meus, muyto tinha ainda que dizervos: mas o Espirito-Santo, que ha de vir, vos ensinarã toda a verdade. E porque ha de reservar Christo para a vinda do Espirito-Santo o muyto que tẽ q̄ dizer a seus Discipulos? E difficulto assim. O q̄ Christo aqui reserva, he ensinar-lhe verdades: *Docebit vos omnem veritatem.* Poys se a verdade, pela razam de verdade, he objecto do entendimento; & pela razam de ensinada, sò ao entendimento pertence; parece q̄ tocava o dizelas, nam tanto ao Espirito-Santo, q̄ he Amor, quanto ao mesmo Christo, q̄ he Verbo. O Amor ensina muyto embora a amar o Verbo, a sabedoria ha de ensinar a entender. O Amor affeyçoe os coraçoes, dobre as vontades: mas reduzir entendimentos, q̄ tẽ q̄ fazer com o Amor? Poys logo, porq̄ ha de cõmetter Christo a Pessoa do Espirito-Santo, o q̄ tanto lhe pertence a ir? Eu volo direy. Porq̄ viu Christo a nossa condiçã, & quiz lograr o seu fim. Quiz ensinarnos & persuadirnos bem as verdades de sua doutrina: viu q̄ o nosso entendimento sò o q̄ he nosso gosto aprende bem: q̄ faz? Tratta de affeyçoarnos o gosto, por meyo do Espirito-Santo, para q̄ allim com effeyto aprédessemos sua doutrina. O Divino Espirito tem por especialidade sua salarnos às nossas vontades; & nam sò isto (diz S. Basilio) mas escrever nos nossos coraçoes: *Inseribit autem nobis spiritus Sanctus non in tabulis lapideis, sed tabulis cordis nostri carnis.* De sorte q̄ te virtude especial aquelle Divino Espirito, para imprimir tudo o q̄ quer em nossos mesmos carnaes & mundanos coraçoes, *In tabulis cordis nostri carnis.* Eysahi poys a razam, porque Christo non mats do Espirito-Santo a persuazam de suas verdades, do que a siou de si. O entendimento dos homens

D. Basil  
en Psal.  
44.



(filiz Christo) nam se move senam pela vontade : poys falelhe o Espirito-Santo a vontade, para que eu assim lhe renda o entendimento.

Oh, & quanto á custa de sua opiniam, com quanto dispendio de seu credito, & de sua honra, experimentou o Filho de Deos no dia de hoje a cegueyra do humano entendimento pela malicia da vontade humana! Hoy hoje o primeyro dia, em que prevalecêdo o odio & a inveja contra a Divina Verdade humanada, largou a dissimulaçam Farizaica o véo de seus corações peçonhentos; atrevendo-se a descompor & afrontar publicamente a Sagrada innocencia de nosso Redemtor, com opprobrios & calumnias, quaes nenhum malfeytor ouviu jamais. Ah meu Deos! E se contra vossa honra teve linguas a inveja, se contra vossa innocencia teve a malicia forças, & a falsidade artificios; que innocencia, ou que honra poderá viver neste mundo? Huns lhe chamavam de feyticeyro; outros o appellidavam enganador; este o blasfemava de feyticeyro, aquelle de Samaritano, de falso, de endemoninhado. Homens, & isto vos diz o juizo? Isto vos persuade o que vedes? Quem tanta fóra Demonios, pôde ser endemoninhado? Quem resuscita mortos, he feyticeyro? Quem prega penitencias, & faz o que prega, he enganador? Diz vos isso, ou pode volo dizer o juizo? Sim: porque tho ditava assim a vontade. Eram os dittames, como os affectos : porque quaes sam os nossos affectos, taes sam os nossos dittames.

De toda esta doutrina vimos finalmente a concluir & a cõvencer a causa toda & o total principio de nossa perdiçam & ruina. E isto supposto, se a vossa queyxa, meu Deos, fica sem satisfaçam; ao menos a vossa pergunta ja nam ficará sem resposta. Porque razam vos offendiamos, porque causa vos desprezavamos, foy hoje a vossa pergunta: já está conhecida & convencida a verdade. E para resposta baste. Porém meu Deos, se para confusam da minha alma & de meus atrevimentos, me mandays mays expressamente responder; Senhor, ainda que tremendo, respondo. Offendo-vos, porque quero; porque he meu gosto. Nam vos obedeço, porque nam he meu gosto, nem quero. E ey fahi Christãos, a triste resposta: mas a unica que temos.

#### §. VI.

**E** Poys isto assim he, Senhor, que nos resta? mays que cõfessar de plano, que estamos reos sem defenlá, esperando vossa misericordia com temeridade, & dezafiando vossa justiça com o merecimento. Confessamos q nos nam faltastes, nem nos faltays com superabundantes beneficios, com excessivos favores, auxilios & inspiraçoens; com ajudas, com esperas, com dissimulaçam, com o soffimento. Confessamos que da vossa parte o ten-  
des

des feyto com nosco, como bom pay de piedade, & mays que pay, ja entendendo com a branduca, ja reprimindo com a severidade; ja estendendo a man para o castigo, ja tornando a recolhela por comiseraçam; ja excitando-nos para que acordemos, ja ferindo-nos porque nam acordamos: bulcando-nos offendido; & tornando-nos a conquistar, depoy de mil vezes deyxado. Confessamos que sem embargo de tudo isto, & como se o nam conheceramos, nem vos conheceramos, vamos seguindo por nosso gosto os descaminhos de nossa perdiçam, contra nós mesmos & contra vós obtinados. Confessamos que só a immensidade de vossa misericordia nos pudera ter soffrido & supportado tantas defordens. Tudo isto confessamos, tudo isto conhecemos, tudo isto vemos: & nada disto nos muda, nada disto nos emenda, nada disto nos aproveytou ategora; & aindamal que nada disto nos melhorará daqui pordiante.

Por isto eu dizia no principio, que convenceria facilmente hoje os vossos entendimentos; porque entender & assentir a verdades tam demonstrativas, tam claras, he couza muy facil: mas que nam havia de convencer as vossas vōrades; porque desviadas de seus descaminhos, he muyto difficil. E ainda digo mays. (O dia he de dizer verdades). Presumo & digo, que se aqui neste lugar, onde eu estou tam indignamente, estivera agora S. Paulo, ou Santo Agostinho, cada hum delles com o seu exēplo, com as suas virtudes, com o seu espirito, & com a sua ciencia; que tanto fruyto fizera em nós tudo isto, como eu farey com a minha rudeza, & com os meus defeytos. S. Paulo havia de prégar, como elle diz que se pregue, & como sempre pré-gou. Havia de prégar largo, porque era copioso & efficaz; & a efficacia depende de disposiçam larga: havia de prégar verdades, sem affectaçam nem circumloquios: havia de curar mays do fruyto, & menos das flores. Eys ja S. Paulo sem fruyto, porque sem ouvintes. Venha Santo Agostinho. Santo Agostinho havia tambem de prégar do modo que sempre pré-gou. E leelle quando pré-gava, sendo em tempos tanto menos depravados, entenda ja entam o pouco fruyto, que os seus Sermoens faziam; poys disso se quey ja varias vezes, & mays principalmente na sua Cidade de Deos; que fruyto vos parece que poderiamos esperar de seus Sermoens, se elle agora pré-gara nesta idade nossa? Poys Padre (dizeys), baldados logo & desnecessarios tem os Sermoens. Respondo. Nam vi couza mays usada, nem mays citada nestes tempos; se attentarmos sómente ao fruyto das almas: que he o intéto primyiro & principal da Igreja. Porém se attentarmos outro fim, nam menos urgente, necessariamos tem os Sermoens. (O que que o sam). E que fim? Não ley se folgareys de o o ouvir. Dous fins teve o espirito-Santo, em instituir Sermoens: na synagoga, & na Igreja. O primeyro fim foy a enen-

Aug. de  
Civ. l.  
Dei, l. 2.  
c. 26.

de se reduçam dos mãos: o segundo fim, a justificação de Deos; para ficar em tudo & por tudo justificado. Haja Sermam, & haja doutrina (diz Deos): em primeyro lugar, para que ouçam, & se emendem: em segundo lugar, para que se nam se emendarê, nam possam allegar que nam ouviram. Taa justificação como isto quero a minha justiça até o cabo. Assim expressar: em meu grande Padre. *Salus quibusdam ad premium, quibusdam ad iudicium prae-*  
*caur.* Aos que se aproveyarem, ser velhe o Sermam para o premio: aos que se obstinarem, ser velhe o Sermam para o Juizo. O, abramos o nosso juizo hoje, que chega a quelle Juizo amanhã. Vejamos, que se das verdades Catholicas, que temos aqui ouvido, nos nam aproveyarmos, Christãos, para a emenda, que he o primeyro fim do Sermam; Christo Jesus nosso Deos, & rectissimo Juiz, se ha de aproveyar della para a sentença, que he o segundo fim dos Sermoes.

Este segundo fim foy hoje o que nosso Redemtor conseguiu, prégando suas divinas Verdades ao povo Judaico. Porque perguntadolhe pela razão de seus erros, *Quare non creditis mihi?* depoy de lhe haver ensinado & confirmado a verdade, *si veritatem dico vobis;* ainda que nam emendeu o peccado, convenceu a malicia. E vendo & sabendo muyto bem, que de sua prégação nam havia de resultar fruyto algum, antes novas & repetidas offensas suas; prégou: com tudo, para justificação (a seu tempo) de sua vingança. Oh Senhor: & que grande pavor me causa a confideração deste ponto! Ja que esta doutrina vossa nam ha hoje de fazer fruyto, Senhor nam si va de augmentar o castigo. Ja que este Sermam ha de ser como se nam fora, para os arrependimentos; seja tambem como se nam fora, para as contas. Ja q nós o havemos por nullo para a emenda, havey-o vós tambem por invalido para a justiça. Eu meu Deos o hey por nam prégado: nós o havemos todos por nam ouvido. A vossa misericordia Senhor, recortemos unicamente, entre a confusão de nossas culpas; & postrados com toda a mayor sũmissam diante vossa tremenda Magestade, pedimos misericordioso Pay, useys de vossa compayxam com a nossa miseria; poy para o fazerdes allin, he mayor o vosso amor, que o nosso peccado; mayor a vossa bondade, que toda a nossa malicia. Digam-no Senhor estes lutos, com que a Igreja E sposa vossa começa hoje a sentir vossa payxam. Para nos despeitar a lembrança, sam hoje estes sinaes: sejam tambem estes sinaes, para que vós tambem vos lembreye. Lembrayvos meu Deos de vós: lembrayvos daquelle amor, que vos obrigou a morrer: lembrayvos de tanto sangue, que para nos remediar & salvar, despendestes a tanto custo: lembrayvos daquelles tormentos excellivos, que pagaram o nosso regaste: lembrayvos de vossa misericordia, q he mayor que os nossos delittos: lembrayvos. E porque vos nam lembrarey: *Cur*

Aug. E-  
pist. 49.  
ad Deo-  
gratias,  
de piori  
conserva-  
tione, cir-  
ca finem  
questionis  
secunda.

Ex eod. *Domine irascitur furor tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terr.: Aegypti*  
 32.1.1. er. *in fortitudine magna, & in manu robusta?* Porque razam (tambem meu Deos,  
 11. vos hey de perguntar hum por que?) Porque razam se ha de irar vossa justi-  
 ça contra hum povo, por tantos titulos vosso? *Contra populum tuum?* Contra  
 o vosso povo; que remistes, *Quem eduxisti de terra Aegypti:* que remistes com  
 tanto amor, que remistes a tâto preço? *In fortitudine magna, & in manu robusta?*  
 1001. 2. Oh Senhor, perdoay, perdoay ao vosso povo: *Parce Domine, parce populo tuo.*  
 227. 17. Perdoay nossas ignorancias, & parecerá mayor o vosso amor: perdoay nos-  
 sas ingraticidens, & parecerá mayor a vossa bondade: perdoay nossa obsti-  
 naçam, & parecerá mayor vosso soffrimento: perdoay tantos excessos, &  
 ficarà may's acreditada a vossa graça: perdoay finalmente tudo, ja que  
 vos aggravâmos em tudo, & será may's engrandecida a vossa glo-  
 ria. *Ad quam nos perducat Dominus Omnipotens,*

FINIS

